

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS LIDA CAMPEIRA



Imagem: Vagner Barreto/INRC Lida Campeira

INRC Lida Campeira
Restituição e Salvaguarda dos Ambientes Pastoris

Pelotas - 2022

Equipe Técnica:

Coordenação

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth - Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Equipe de pesquisa

Dra. Flávia Maria Silva Rieth - Doutora em Antropologia Social - UFRGS

Dr. Cesar de David (UFSM) - Doutor em Geografia - UFSC

Dr. Daniel Vaz Lima - Doutor em Antropologia - UFPel

Dr. Felipe Leindecker Monteblando (IFSul) - Doutor em Geografia - UFSM

Dr. Gonzalo Prudkin (UFSM) - Doutor em Comunicação e Cultura - UFBA

Ma. Andreia Sá Brito (UNIPAMPA) - Mestra em Extensão Rural - UFSM

Me. Hamilton Bittencourt - Mestre em Artes Visuais - UFPel

Ma. Juliana dos Santos Nunes - Mestra em Antropologia - UFPel

Ma. Miriel Bilhalva Herrmann - Mestra em Antropologia - UFPel

Me. Vagner Barreto Rodrigues (UFPR) - Mestre em Antropologia - UFPel

Bolsistas de Iniciação Científica

Leonardo Sapucaia (PBIP-UFPel/2021) - Bacharelado em Antropologia - UFPel

Mateus Fernandes da Silva (CNPq/2021) - Bacharelado em Antropologia - UFPel

Ronney Bruno Corrêa (FAPERGS/2022) - Bacharelado em Antropologia - UFPel

Consultores

Dr. Adriano Simon (UFPel) - Doutor em Geografia - UNESP

Dra. Claudia Turra Magni (UFPel) - Doutora em Antropologia e Etnologia - EHESS

Dra. Daiane Loreto de Vargas (UFRB) - Doutora em Extensão Rural - UFSM

Dra. Marília Floôr Kosby (UFRGS) - Doutora em Antropologia Social - UFRGS

Apoio institucional

Associação Para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC)

Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR-UFPel)

Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS-UFPel)

Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA-UFPel)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG-UFPel)

Secretaria do Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC-RS)

IPHAN RS

Ma. Beatriz Muniz Freire - Mestra em Educação - PUC-Rio

Dr. Caetano Kayuna Sordi Dias - Doutor em Antropologia Social - UFRGS

Arte gráfica

Miriel Bilhalva Herrmann (capa), Mateus Fernandes da Silva (miolo), Vagner Barreto (arte final), Flávia Rieth (texto e supervisão), Ideograf Gráfica e Editora Gaúcha (impressão)

Impresso com recursos do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP-CAPES)

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Bacharelado em Antropologia



Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira

Restituição e Salvaguarda dos Ambientes Pastoris

Coordenação: Dra. Flávia Maria Silva Rieth

Projeto contemplado no Programa Pesquisador(a) Gaúcho(a) - Edital 007/2021,
da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
(FAPERGS)

Pelotas - 2022



Imagem: Guilherme Santos/Sul21

Restituição e salvaguarda dos ambientes pastoris

O **Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira** (INRC Lida Campeira) se constituiu a partir da demanda da Prefeitura Municipal de Bagé, do financiamento e cedência de metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da realização pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (DAA-UFPe), por meio do Programa de Pós-Graduação e do Bacharelado em Antropologia, com coordenação da professora Dra. Flávia Maria Silva Rieth.

O Inventário teve como objetivo identificar, documentar e construir conhecimento sobre a *lida campeira* para fins de Registro enquanto **Patrimônio Cultural Imaterial** brasileiro. O trabalho de campo foi executado no período de 2010 a 2012, por meio da pesquisa antropológica com os detentores e detentoras dos ofícios, denominados como campeiros e campeiras, os quais vivenciam ou vivenciaram a pecuária familiar no Bioma Pampa, nas fronteiras platinas. O sítio do INRC Lida Campeira, na região de Bagé, abrange a pesquisa realizada nos municípios de Aceguá (Brasil), Acegua (Uruguay), Arroio Grande, Bagé, Herval, Hulha Negra, Jaguarão, Pelotas e Piratini. A região é caracterizada pela horizontalidade de campo, com ondulações suaves e riqueza de gramíneas.



Imagem: Luciene Mourige

Nossos interlocutores, em sua maioria, são proprietários e proprietárias de terras – de grandes ou de médias extensões, de propriedades familiares ou de uso comunitário, como no caso dos Quilombos e das Terras Indígenas – e/ou peões campeiros, trabalhadores e trabalhadoras rurais, que desempenham ou desempenharam o pastoreio (de bovinos, de ovinos, de caprinos e de equinos), a doma, a esquila, o ofício do guasqueiro, o ofício do alambrador, a tropeada, o artesanato em lã, a lida caseira, entre outros saberes e fazeres. A *lida campeira* abarca uma série de atividades com relação ao **manejo extensivo em campos nativos** e ao cotidiano das propriedades, configurando-se enquanto um modo de vida. As relações com os rebanhos ovinos, bovinos, caprinos e equinos estão articulados com saberes cosmológicos para além dos humanos, mas, também, sobre os outros animais, as coisas e o ambiente.

A partir de 2016, devido à solicitação da Associação Para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC), o INRC iniciou a extensão da metodologia do IPHAN para inventariar os manejos nos “**campos de pedras**” da Serra do Sudeste, na região do Alto Camaquã, uma vez que os peões que *campereiam* nos “**campos lisos**” diziam ter dificuldade de se adaptarem à *lida campeira* nos “**campos dobrados**”. O Alto Camaquã é caracterizado por *guaritas*, aguadas, afloramento rochoso, peraus e penhascos, permeadas pela Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã. O sítio do Alto Camaquã abrange os municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Hulha Negra, Lavras do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista.



Imagem: Luciene Mourige

Em 2021, a equipe de pesquisa encaminhou ao IPHAN o Relatório Final do INRC Lida Campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã, que objetiva subsidiar o Registro do bem cultural. Nesse sentido, em 2022, o projeto busca dar andamento à interlocução com os detentores e as detentoras da *lida campeira*, a partir da **restituição** do Relatório às comunidades pastoris do Rio Grande do Sul, bem como do levantamento de ações de **salvaguarda**. Esta proposta foi contemplada no Programa Pesquisador(a) Gaúcho(a) - Edital 007/2021, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

A restituição do INRC mostra-se fundamental, levando em consideração a participação qualificada dos detentores e das detentoras nas questões que impactam no seu modo de vida e na salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Entendemos a *lida campeira* enquanto uma **referência cultural do sul do Rio Grande do Sul** – que se vê ameaçada pela instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), pela monocultura de espécies exóticas, pela mineração, pelo garimpo, entre outros megaprojetos que desconsideram ou minimizam os impactos aos povos e comunidades tradicionais presentes no ambiente pampeano.

A seguir, apresentamos os *banners* sobre os bens culturais inventariados pelo INRC Lida Campeira, que buscam sistematizar e compartilhar alguns dos saberes e fazeres da *lida*. Esse material está disponível no **Blog INRC Lida Campeira**, no qual buscamos valorizar os interlocutores da pesquisa. No Blog é



Imagem: Cristina Medeiros

possível encontrar, também, o contato da equipe, os Relatórios Finais dos bens culturais, as produções audiovisuais sobre as atividades, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores e pesquisadoras e as informações sobre o processo de Registro e de Salvaguarda da *lida campeira*. Convidamos a acessarem esse canal de comunicação, tendo em vista estreitar os laços com a pesquisa científica, com a Universidade Federal de Pelotas e com o Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande do Sul.

Contato:

INRC Lida Campeira - inrcaltocamaqua@gmail.com

Blog INRC Lida Campeira - <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira>

Dra. Flávia Maria Silva Rieth
Coordenadora do INRC Lida Campeira
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Instituto de Ciências Humanas
Universidade Federal de Pelotas

INRC Lida Campeira

BANNERS



REGIÃO DE BAGÉ

REGIÃO DO ALTO
CAMAQUÃ

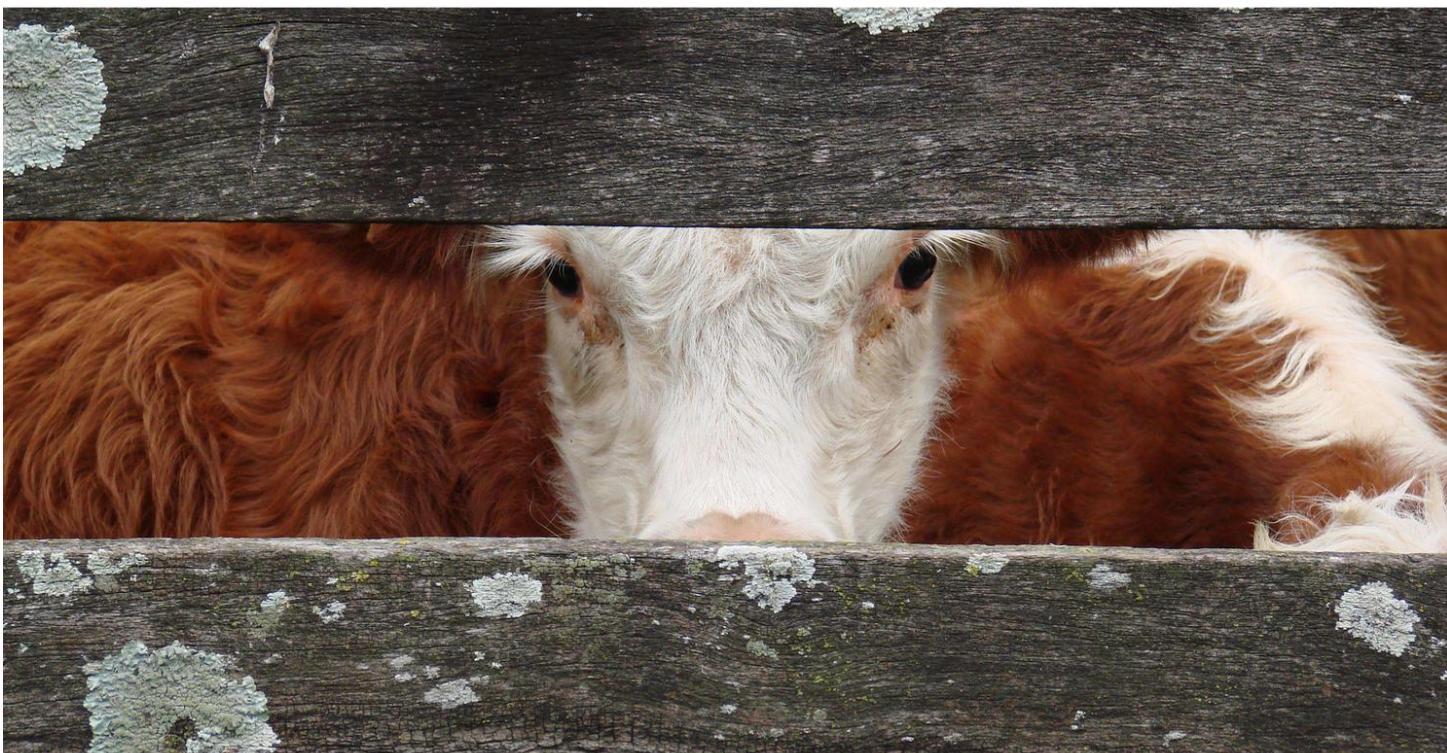
Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Prof^ª. Flávia Rieth (Coordenadora), Prof^ª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Prof^ª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Prof^ª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



O Inventário Nacional de Referências Culturais- *Lidas Campeiras na Região de Bagé/Fase 1*, é executado por equipe de antropólogos e historiadores da Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia, com solicitação, recursos e metodologia do IPHAN, no âmbito do PAC das cidades históricas.



O objetivo da pesquisa é realizar o inventário da *cultura campeira*, a partir de levantamento bibliográfico e etnográfico sobre as relações sociais entre homens, rebanhos e utensílios envolvidos nas lidas campeiras, conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na criação pecuária extensiva do pampa sul-rio-grandense.



Ministério da
Cultura



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).

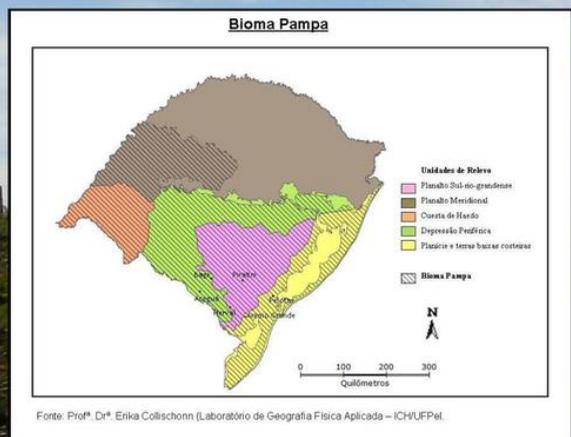
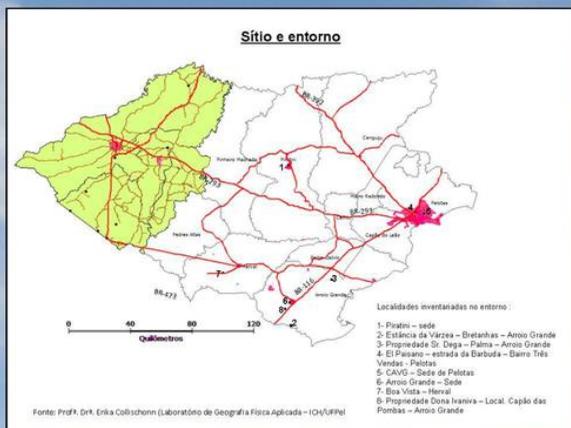


Foto Pablo Dobke



Ministério da Cultura



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Aramado

Desde que se instituiu a propriedade privada no pampa sul-rio-grandense, diferentes formas de delimitação das terras e rebanhos foram sendo adotadas. A tecnologia de cercar campos e rebanhos com fios de arame tornou-se o meio mais comum de evitar o extravio de animais e demarcar a posse da terra, seja por quem vive em menos de dez hectares, seja por quem possui cinquenta mil deles. A construção das cercas de fios de arame intercalados por piques ou “tramas” de madeira é o ofício dos chamados aramadores, ou *alambradores*, trabalhadores artesanais, geralmente sem patrão fixo. Além de evitar que os rebanhos se misturem com os animais dos campos lindeiros, o cercamento veio acompanhado do fracionamento das propriedades e de novas práticas de carneada (abate artesanal), atividade sobre a qual se tinha pouco controle antes, e que, desde então, passa a ser realizada para consumo doméstico, sendo aproveitadas praticamente todas as partes do corpo do animal. A prática ilegal da carneada, realizada por estranhos dentro dos limites da propriedade de outrem, para fins de roubo de carne, caracteriza-se como crime de abigeato.



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Doma

O ofício de domador é uma atividade que compõe as lidas campeiras para que o cavalo *fique sujeito*, aceite os comandos do cavaleiro. A doma tradicional consiste no uso da força, de técnicas de reforço para submeter o animal e dos saberes tradicionais como a observância dos ciclos lunares. No conjunto de transformações das práticas campeiras, tem-se a doma racional, em que são utilizadas técnicas de adestramento sem o uso da força, baseada na confiança entre o cavalo e o cavaleiro.



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Esquila

A “esquila” é uma atividade de tosar ovinos, selecionar e embolsar a lã, utilizada como matéria-prima para a confecção de artefatos e roupas. A lã que for ser utilizada para estes fins, ao contrário daquela dos pelegos, deve ser extraída de animais vivos, mantendo assim as qualidades necessárias para o uso. Em princípio, os “esquiladores” eram chamados em grupos para efetuarem a tosa nas estâncias. As chamadas “comparsas” muitas vezes eram compostas por mais de 50 homens, que tosavam centenas de ovelhas usando uma tesoura específica para esquilar, prática esta chamada de “tosa a martelo”. No contexto de modernização surge a máquina de tosa, aparelho que dinamiza esta atividade. As transformações no processo de trabalho acarretam a diminuição da mão de obra especializada do tosador e sua “comparsa”, fazendo com que a tesoura a martelo e o seu manipulador se tornem figuras raras no pampa sul-rio-grandense.



Ministério da
Cultura



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Prof^ª. Flávia Rieth (Coordenadora), Prof^ª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Prof^ª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Prof^ª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Ofício de guasqueiro

Os guasqueiros, são artesãos especializados em produzir artefatos cuja principal matéria-prima é o couro cru – as tiras de couro cru são chamadas *guascas*. Os artefatos feitos pelos guasqueiros são geralmente utensílios para a lida campeira: laços, arreios para a montaria em equinos, peças do vestuário e demais objetos que são necessários à execução das atividades na pecuária. Em geral, todo trabalhador que lida com rebanhos, sejam de ovinos, bovinos ou equinos, faz ou reforma seus utensílios de trabalho, utilizando técnicas do ofício de guasqueiro - mais ou menos aprimoradas -, por razões econômicas, utilitárias e também pela satisfação de saber fazer objetos esteticamente bonitos. Além da funcionalidade, os elementos estéticos incorporados pelos guasqueiros em seus trabalhos seguem padrões peculiares, como a trançagem dos tentos (tiras finas de couro). A plasticidade de tais artefatos transcende a lida campeira, compondo roupas, chaveiros, calçados, chapéus e souvenirs em geral.



Foto: Marília Kosby



Ministério da
Cultura



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Lidas Caseiras



Imagem de Átila Sá Siqueira.

As lidas caseiras são atividades cuja funcionalidade está voltada para a manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural. Estes trabalhos encerram desde os serviços de cozinha e limpeza da casa – ou das casas, quando há casas de empregados – até a capina, a ordenha, o cuidado com os chiqueiros, galinheiros, jardins e hortas. As lidas “da volta das casas” podem incluir, inclusive, a carneada de algum animal, desde que para o consumo doméstico. Muitas vezes, quando há famílias de empregados morando na estância ou próximo a esta, acontece de a esposa de algum funcionário se ocupar das lidas caseiras. Há também os casos em que são contratadas copeiras, cozinheiras (ou cozinheiros) e peões caseiros. Uma presença bastante lembrada quando se trata de lidas caseiras é a das lavadeiras, que percorriam estâncias e propriedades rurais, recolhendo roupas para lavarem em córregos ou arroios.

Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Prof^ª. Flávia Rieth (Coordenadora), Prof^ª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Prof^ª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Prof^ª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Pastoreio

Os ofícios e saberes indicados neste inventário como “lidas campeiras” têm como principal finalidade possibilitar a execução de uma atividade fundamental para a manutenção dos rebanhos de ovinos, bovinos e equinos, qual seja, o pastoreio.

O pastoreio se refere à criação, reprodução e cuidado para com os animais envolvidos na pecuária extensiva, e requer uma rotina de trabalho que obedeça os ciclos da natureza, ou o *horário do sol*. Por este aspecto, tratamos o universo da pecuária e das lidas campeiras como um modo de vida, que articula saberes cosmológicos a respeito das relações entre humanos e não-humanos com tecnologias desenvolvidas no campo científico.



Ministério da
Cultura



Inventário Nacional de Referências Culturais

Lidas Campeiras na região de Bagé/RS

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima, Profª. Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem e do Som), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia) e Prof. Fernando Camargo (Consultora em História).



Tropeadas

Os tropeiros são trabalhadores cuja principal atividade é transportar a cavalo rebanhos de uma localidade a outra. Quando o número de estâncias não fracionadas ainda era maior, época em que havia poucas estradas abertas entre as propriedades rurais e os caminhões boiadeiros eram raríssimos, os tropeiros utilizavam carretas para transportar mantimentos e utensílios, bem como para servir de leite, já que se chegava a passar semanas tropeando. Durante o período de auge econômico das charqueadas em Pelotas, no séc. XIX, o intenso deslocamento de tropas da região de Bagé para o polo charqueador pelotense criou o território conhecido por “caminho das tropas”. Atualmente as tropeadas ocorrem transpondo menores distâncias, em que tropas de gado são manejadas de uma propriedade a outra quando mais viável do que transportar por caminhão.



Imagem de Átila Sá Siqueira.

INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Miriel Bilhalva Herrmann (Antropologia), Tatiane Delamare (Geografia), Juliana dos Santos Nunes (Antropologia), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



LIDA CAMPEIRA NO ALTO CAMAQUÃ

O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Lida Campeira iniciou com a demanda da Prefeitura de Bagé, do financiamento e cedência de metodologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da realização, por meio do Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Em 2016, a equipe iniciou a extensão para os manejos no Alto Camaquã, Serra do Sudeste, a partir de solicitação da Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC).

Ao acompanharmos a pecuária familiar extensiva em campo nativo, ouvimos que "*camperear em campo liso é diferente de camperear em campo dobrado*". A região do Alto Camaquã é marcada pela presença histórica de pecuaristas familiares, quilombolas e outros povos tradicionais da pampa – que apontam para uma diversidade de saberes intimamente associados ao ambiente dos "*campos de pedras*", com cordilheiras, "*guaritas*", "*peraus*" e matas ciliares.

Os interlocutores do INRC são proprietários de terras e/ou peões campeiros, trabalhadores e trabalhadoras rurais, que desempenham ou desempenharam as atividades de pastoreio (de ovinos, de caprinos e de bovinos), de doma, de esquila, o ofício de guasqueiro, a tropeada, o artesanato em lã e a lida caseira, entre outros saberes e fazeres.

A experiência da pesquisa busca compartilhar e valorizar o conhecimento dos interlocutores, por meio do *blog* INRC Lida Campeira: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>



Imagens: Luciene Barbosa/INRC Lida Campeira – 1, 5 e 6 | Guilherme Santos/Sul21 – 2, 3, 4 e 7

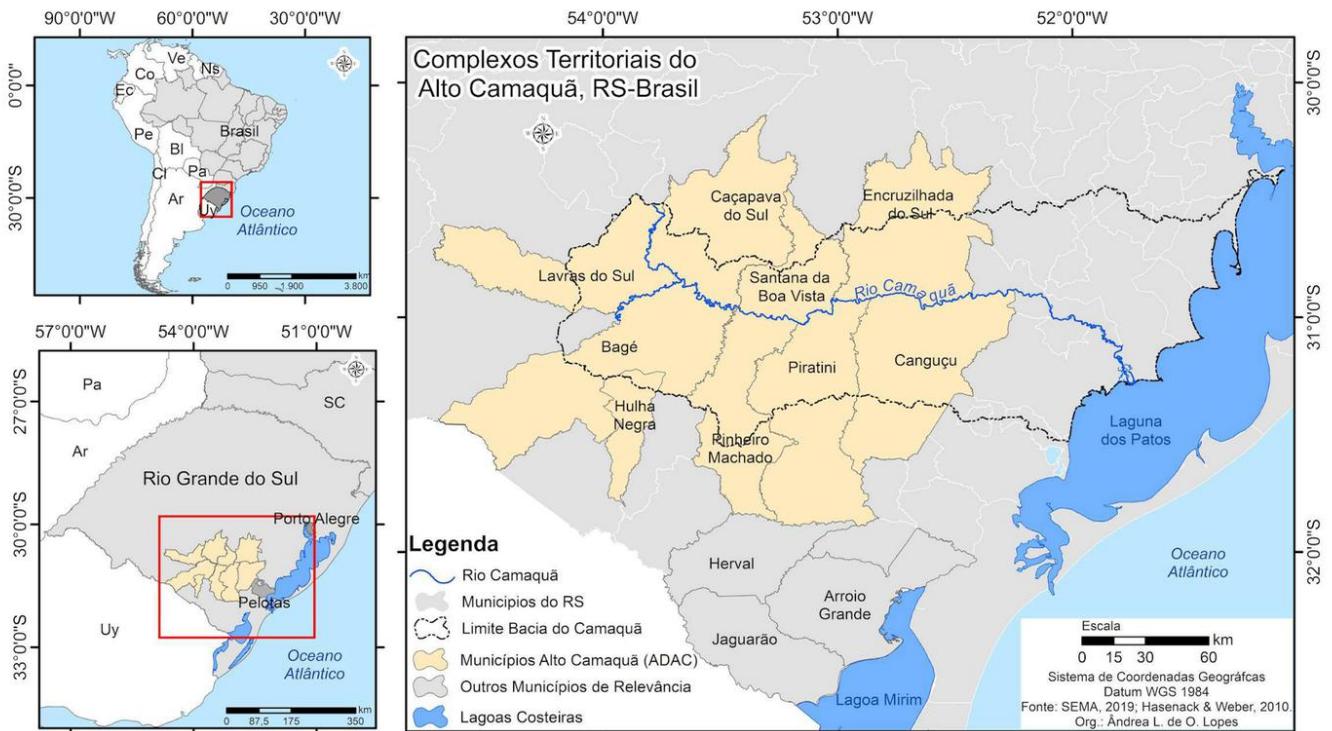


INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Andreia Nunes Brito (Extensão Rural-UNIPAMPA), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Felipe Monteblanco (Geografia-IFSul), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia e Arqueologia-UFRP), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana-UFRGS), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



REGIÃO DO ALTO CAMAQUÃ



Imagens: Igor Luiz Vaz – 1 | Luciene Mourige/INRC Lida Campeira – 2 | Guilherme Santos/Sul21 – 3 e 4 | Mapa: Ândrea Lopes/INRC Lida Campeira



INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Miriel Bilhalva Herrmann (Antropologia), Tatiane Delamare (Geografia), Juliana dos Santos Nunes (Antropologia), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



ARTESANATO EM LÃ CRUA

O artesanato em lã é um saber-fazer disseminado pela pampa do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Um saber constituído através de diferentes técnicas e modos de fazer – transmitido e renovado por meio das gerações. É uma atividade manual em que o artesão e a artesã, geralmente, detêm todas as etapas e compreende o processo na íntegra, da produção até a execução.

A relação começa no campo, com a criação dos rebanhos ovinos, a seleção das matrizes e o manejo para obtenção de uma melhor lã. Abrange a retirada da lã do animal, por meio da esquila, assim como o processamento da lã para o artesanato. Inclui a lavagem, para a retirada de impurezas que aderem à fibra, quando pode ocorrer o tingimento, com uso de “chás” e ervas nativas. Contempla a cardagem, que possibilita pentear a lã, deixando as fibras no mesmo sentido. Envolve o fazer o fio, que pode ser realizado em rocas manuais, rocas elétricas e fusos. E, ainda, o tecer, em tramas que contemplam variadas formas de usar a lã, por meio de agulhas, como na técnica do crochê em *jacquard*, ou de teares de “prego” e de teares de “pente”, transformando-a em peças artesanais utilizadas na *lida campeira*.

Os palas, ponchos, boinas, mantas, ruanas, cobertores, xergões são comercializados entre conhecidos, nas feiras e nas exposições. Uma peça artesanal em lã, se bem cuidada, “*pode durar uma vida toda*”.



Imagens: Fio Farroupilha - 1 e 8 | Miriel Bilhalva Herrmann - 2, 3, 5, 9 e 12 | Guilherme Santos/Sul21 - 7 | Débora Lima - 10 | INRC Lida Campeira - 4, 6 e 11



INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Andreia Nunes Brito (Extensão Rural-UNIPAMPA), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Felipe Monteblanco (Geografia-IFSul), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia e Arqueologia-UFRP), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana-UFRGS), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



“LIDAR COM A CRIAÇÃO”

Os “campos dobrados” do Alto Camaquã são reconhecidos pela biodiversidade, sendo uma das áreas mais conservadas do Bioma Pampa e relicário da pecuária extensiva em campos nativos. Ali convivem povos tradicionais que cuidam dos campos e das aguadas, com seus “arroios e sangas” (Fabiani, Bagé/RS). Por ser assim, a lida do pastoreio acompanha os ciclos da vida – das plantas, dos bichos e das pessoas –, bem como os horários do sol, as fases da lua, o movimento dos ventos e das águas. Por conseguinte, é fundamental acompanhar os fluxos reprodutivos das fêmeas e a “época da parição” (Márcia, Bagé/RS), conforme as estações do ano.

“Nossa vida é cuidando, todos os dias, dos animais para que eles fiquem bem e não adoecem” (Vera, Bagé/RS). Cuidar da criação envolve, portanto, “conhecer os animais”, pois “cada animal tem um berro diferente” (Seu Beto, Bagé/RS). Tal conjunto de relações, nas quais “eu fui criado no meio da criação” (Seu Mário, Canguçu/RS), integra os modos de ser, conhecer e fazer da lida campeira, em situações nas quais “tu aprendes a lidar com a vida e a morte ao mesmo tempo” (Lais, Lavras do Sul/RS).



Imagens: Miriel Bilhalva Herrmann/INRC Lida Campeira – 1 | Luciene Mourige/INRC Lida Campeira – 2 e 6 | Guilherme Santos/Sul21 – 3 | Marília Floôr Kosby – 4 | Flávia Rieth/INRC Lida Campeira – 5 | Daniel Vaz Lima/INRC Lida Campeira – 7



INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Andreia Nunes Brito (Extensão Rural-UNIPAMPA), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Felipe Monteblanco (Geografia-IFSul), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia e Arqueologia-UFRP), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana-UFRGS), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



CRIAÇÃO E MANEJO DE CAPRINOS

A criação e o manejo extensivo de caprinos caracteriza a pecuária familiar nos “campos dobrados” ou “campos de pedras” do Alto Camaquã, extremo Sul do Brasil. Essa presença ganha forma na associação com as formações rochosas – as “*guaritas*” – e a diversidade de ervas, brotos e “*chás*”. As cabras “*não dão muito trabalho*”, pois não precisam de grande investimento para reproduzirem, mas necessitam do convívio com os humanos, para não ficar “*xucra*”, asselvajada. Os cães são fundamentais no pastoreio, pois conseguem acessar locais interditados aos humanos, onde as cabritas andarilham.

Ainda assim, a pecuária caprina, como toda a *lida campeira*, é uma “*lida brabíssima*”. Segundo pecuaristas e quilombolas, as cabras podem ser “*danadas*” e exigem cuidados, seja para assinalar e “*capar*” (castrar), seja para tratar verminose ou seja para proteger dos predadores – como os *sorros* (*Lycalopex gymnocercus*) e os javalis. A estratégia das cabritas é a itinerância pelos matos nativos e “*peraus*” da pampa, dos quais estes animais são profundos conhecedores e destros transeuntes.



Imagens: Marília Floôr Kosby – 1 | Guilherme Santos/Sul21 – 2 e 7 | Juliana Nunes – 3 | Cristina Medeiros – 4 e 6 | Márcia Colares – 5



INRC - LIDA CAMPEIRA NOS CAMPOS DOBRADOS DO ALTO DO CAMAQUÃ

Equipe Universidade Federal de Pelotas: Dra. Flávia Rieth (coordenação), Andreia Nunes Brito (Extensão Rural-UNIPAMPA), Daniel Vaz Lima (Antropologia), Felipe Montebianco (Geografia-IFSul), Vagner Barreto Rodrigues (Antropologia e Arqueologia-UFRP), Mateus Fernandes da Silva (Antropologia), Leonardo Sapucaia (Antropologia), Dr. Adriano Simon (Consultor em Geografia), Dra. Marília Floôr Kosby (Consultora em Etnologia Afro-Americana-UFRGS), Dra. Daiane Loreto de Vargas (Consultora em Extensão Rural-UFRB)



LIDA CASEIRA

A lida caseira na região do Alto Camaquã abrange a manutenção doméstica e o manejo dos animais ao redor “das casa”, nos galpões e terreiros. Inclui, ainda, a feitura de queijos e embutidos, o serviço de cozinha, a limpeza da casa e terreiro, a manutenção de galpões e mangueiras, a ordenha de vacas e cabras, a criação de “*guachos*” (filhotes), a coleta de plantas condimentares, entre outros fazeres. São atividades executadas diariamente, entretanto, algumas apresentam sazonalidade, com influência das estações do ano (feitura de doces de fruta e de leite, lida na “*quinta*”/pomar, limpeza na roça/horta, carneada).

O cuidado com “as casa” busca que a moradia não vire uma “*tapera*”, como abandonada. A lida caseira, geralmente, é realizada pelas mulheres, mas pode ser feita pelos homens, dependendo do contexto, da disponibilidade ou da atividade. Esses arranjos familiares sofrem alterações, como no caso do artesanato em lã, uma vez que o ambiente doméstico é o mesmo onde o artesanato é criado; ou da ausência de homens, bem como do “*gosto*” pela *lida*, que faz muitas mulheres assumirem a lida caseira e a *lida campeira*.



Imagens: Márcia Colares – 1 | Daniel Vaz Lima/INRC Lida Campeira – 2 | Guilherme Santos/Sul21 – 3 | Andrea Madruga/Fio Farroupilha – 4 | Vera Colares – 5 | Vherá Xunú/Mídia Indígena – 6 | Luciene Mourige/INRC Lida Campeira – 7





wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/



Financiamento



Realização